

O surgimento da noite

Ruwëri

*Ou o livro das transformações, contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

copyright Hedra 2025
Direitos cedidos à Casa de Letras Eireli

organização e tradução © Anne Ballester Soares
coordenação da coleção Luísa Valentini

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
revisão Luísa Valentini e Vicente Sampaio
capa Lucas Kröeff

ISBN 978-65-6011-162-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Popyguá, Timóteo Verá Tupã

A folha divina. Timóteo Verá Tupã Popyguá; ilustrações de Nhamandu Mirim Nilmar da Silva Vilharve e Kerexu Jennifer da Silva Boggarim; apresentação de Anita Ekman; posfácio de Freg J. Stokes.
1. ed. São Paulo, SP: Hedra, 2024.

ISBN 978-85-7715-964-2

1. Literatura indígena 2. Povos indígenas (Guarani): usos e costumes
1. Ekman, Anita II. Stokes, Freg J. III. Título IV. *Ka'a miri'i*

24-222844

CDD: 980.41

Elaborado por Eliane de Freitas Leite (CRB 8/8415)

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas: Brasil (980.41)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

CASA DE LETRAS EIRELI
Rua Fradique Coutinho, 1139
05416-001 São Paulo SP Brasil
Telefone +55 11 3914 7790
comercial@casadeletras.com.br
www.casadeletras.com.br

Foi feito o depósito legal.

O surgimento da noite

Ruwëri

*Ou o livro das transformações, contadas
pelos Yanomami do grupo Parahiteri*

Pajés Parahiteri

Anne Ballester Soares (*organização e tradução*)

1ª edição

Casa de letras

São Paulo 2025

O surgimento da noite relata, através de narrativas, o surgimento de elementos do mundo dos Yanomami. Da noite, como diz o título, mas também do tabaco, do cipó, da banana, entre outros. Tudo acontece através do personagem Horonami, um grande pajé que surgiu dele mesmo e junto com as florestas, e ensinou aos Yanomami como morar nelas. Além de compartilhar os conhecimentos com o próprio povo, também o fez com os estrangeiros. *O surgimento da noite* faz parte do segmento Yanomami da coleção Mundo Indígena — com *O surgimento dos pássaros*, *A árvore dos cantos* e *Os comedores de terra* —, que reúne quatro cadernos de histórias dos povos Yanomami, contadas pelo grupo Parahiteri. Trata-se da origem do mundo de acordo com os saberes deste povo, explicando como, aos poucos, ele veio a ser como é hoje.

Anne Ballester foi coordenadora da ONG Rios Profundos e conviveu vinte anos junto aos Yanomami do rio Marauíá. Trabalhou como professora na área amazônica, e atuou como mediadora e intérprete em diversos *xapono* do rio Marauíá — onde também coordenou um programa educativo. Dedicou-se à difusão da escola diferenciada nos *xapono* da região, como à formação de professores Yanomami, em parceria com a CCPY Roraima, incorporada atualmente ao Instituto Socioambiental (ISA). Ajudou a organizar cartilhas monolíngues e bilíngues para as escolas Yanomami, a fim de que os professores pudessem trabalhar em sua língua materna. Trabalhou na formação política e criação da Associação Kurikama Yanomami do Marauíá, e participou da elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA), organizado pela Hutukara Associação Yanomami e o ISA.

Mundo Indígena reúne materiais produzidos com pensadores de diferentes povos indígenas e pessoas que pesquisam, trabalham ou lutam pela garantia de seus direitos. Os livros foram feitos para serem utilizados pelas comunidades envolvidas na sua produção, e por isso uma parte significativa das obras é bilíngue. Esperamos divulgar a imensa diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil, que compreende mais de 150 línguas pertencentes a mais de trinta famílias linguísticas.

Sumário

Nota da organizadora.....	7
Como foi feito este livro.....	9
Para ler as palavras yanomami.....	11
O SURGIMENTO DA NOITE.	13
O surgimento da noite.....	15
Ruwëri.....	19
Horonami.....	23
Horonami.....	27
O surgimento do tabaco.....	29
Hãxoriwë.....	33
Horonami e o tatu.....	37
Mororiwë.....	43
O surgimento da banana.....	49
Pore.....	55
A anta que andava nas árvores.....	59
Xama a rë iminowei.....	61



Nota da organizadora

Este livro reúne histórias contadas por pajés yanomami do rio Demini sobre os tempos antigos, quando seres que hoje são animais e espíritos eram gente como os Yanomami de hoje. Estas histórias contam como o mundo veio a ser como ele é agora.

Trata-se de um saber sobre a origem do mundo e dos conhecimentos dos Yanomami que as pessoas aprendem e amadurecem ao longo da vida, por isto este é um livro para adultos. As crianças yanomami também conhecem estas histórias, mas sugerimos que os pais das crianças de outros lugares as leiam antes de compartilhá-las com seus filhos.



Como foi feito este livro

Os Yanomami habitam uma grande extensão da floresta amazônica, que cobre parte dos estados de Roraima e do Amazonas, e também uma parte da Venezuela. Sua população está estimada em 35 mil pessoas, que falam quatro línguas diferentes, todas pertencentes a um pequeno tronco linguístico isolado. Essas línguas são chamadas yanomae, ninam, sanuma e xamatari.

As comunidades de onde veio este livro são falantes da língua xamatari ocidental, e ficam no município de Barcelos, no estado do Amazonas, na região conhecida como Médio Rio Negro, em torno do rio Demini.

DA TRANSCRIÇÃO À TRADUÇÃO

Em 2008, as comunidades Ajuricaba, do rio Demini, Komixipíwei, do rio Jutai, e Cachoeira Aracá, do rio Aracá — todas situadas no município de Barcelos, estado do Amazonas — decidiram gravar e transcrever todas as histórias contadas por seus pajés. Elas conseguiram fazer essas gravações e transcrições com o apoio do Prêmio Culturas Indígenas de 2008, promovido pelo Ministério da Cultura e pela Associação Guaraní Tenonde Porã.

No mês de junho de 2009, o pajé Moraes, da comunidade de Komixipíwei, contou todas as histórias, auxiliado pelos pajés Mauricio, Romário e Lauro. Os professores yanomami Tancredo e Maciel, da comunidade de Ajuricaba, ajudaram nas viagens entre Ajuricaba e Barcelos durante a realização do projeto. Depois, no mês de julho, Tancredo e outro professor, Simão, me ajudaram a fazer a transcrição das gravações, e Tancredo e Carlos, professores respectivamente de Ajuricaba e Komixipíwei, me ajudaram a fazer uma primeira tradução para a língua portuguesa.

Fomos melhorando essa tradução com a ajuda de muita gente: Otávio Ironasiteri, que é professor yanomami na comunidade Bicho-Açu, no rio Marauaiá, o linguista Henri Ramirez, e minha amiga Ieda Akselrude de Seixas. Esse trabalho deu origem ao livro *Nohi patama Parahiteri pë rë kuonowei tẽ ã* — *História mitológica do grupo Parahiteri*, editado em 2010 para circulação nas aldeias yanomami do Amazonas onde se fala o xamatari, especialmente os rios Demini, Padauri e Marauaiá. Para quem quer conhecer melhor a língua xamatari, recomendamos os trabalhos de Henri Ramirez e o *Diccionario enciclopedico de la lengua yãnomãmi*, de Jacques Lizot.

A PUBLICAÇÃO

Em 2013, a editora Hedra propôs a essas mesmas comunidades e a mim que fizéssemos uma reedição dos textos, retraduzindo, anotando e ordenando assim narrativas para apresentar essas histórias para adultos e para crianças de todo o Brasil. Assim, o livro original deu origem a diversos livros com as muitas histórias contadas pelos pajés yanomami. E com a ajuda do PROAC, programa de apoio da SECULT-SP e da antropóloga Luísa Valentini, que organiza a série Mundo Indígena, publicamos agora uma versão bilíngue das principais narrativas coletadas, com o digno propósito de fazer circular um livro que seja, ao mesmo tempo, de uso dos yanomami e dos *napë* — como eles nos chamam.

Este livro, assim como o volume do qual ele se origina, é dedicado com afeto à memória de nosso amigo, o indigenista e antropólogo Luis Fernando Pereira, que trabalhou muito com as comunidades yanomami do Demini.

Para ler as palavras yanomami

Foi adotada neste livro a ortografia elaborada pelo linguista Henri Ramirez, que é a mais utilizada no Brasil e, em particular, nos programas de alfabetização de comunidades yanomami. Para ter ideia dos sons, indicamos abaixo:

- /i/ vogal alta, emitida do céu da boca, próximo a *i* e *u*;
- /ë/ vogal entre o *e* e o *o* do português;
- /w/ *u* curto, como em *língua*;
- /y/ *i* curto, como em *Mário*;
- /e/ vogal *e*, como em português;
- /o/ *o*, como em português;
- /u/ *u*, como em português;
- /i/ *i*, como em português;
- /a/ *a*, como em português;
- /p/ como *p* ou *b* em português;
- /t/ como *t* ou *d* em português;
- /k/ como *c* de *casa*;
- /h/ como o *rr* em *carro*, aspirado e suave;
- /x/ como *x* em *xaxim*;
- /s/ como *s* em *sapo*;
- /m/ como *m* em *mamãe*;
- /n/ como *n* em *nada*;
- /r/ como *r* em *puro*.



O surgimento da noite



O surgimento da noite

HORONAMI procurou aquilo que nos permite dormir. Ele fez aquilo que nos fará dormir. Aconteceu em toda a floresta. Ele procurou sem desistir, procurou, procurou e acabou encontrando essa coisa perto da sua moradia. A cauda da coisa já estava visível, pendurada em um galho, mas Horonami pensava que a coisa estaria sentada na raiz de uma árvore e continuou procurando longe, em todas as direções.

Não foi a noite que surgiu sozinha, de repente, para nós dormirmos. Assim, quem fez não foi outro. Não foi outro que fez anoitecer: foi Horonami, e apenas Horonami, quem soprou nosso sono — somente ele.

Qual a razão dessa procura? Como de dia ninguém parava de fazer sexo — vocês também não fazem sexo de dia? — e como a noite não existia — era sempre luz forte do dia — para ele esquecer os outros fazendo sexo, ele procurou a noite para envolver todos na escuridão.

A noite estava empoleirada em cima de uma árvore não muito distante. Parecia com um mutum empoleirado, cuja cauda repousava na parte alta de um galho inclinado de uma árvore *paikawa*.¹ Assim era a escuridão. Apesar de a noite parecer um mutum, Horonami conseguiu encontrá-la. A noite também cantava como um mutum.

1. Árvore baixa, chamada localmente de pé-de-maçarico.

Nessa época, os animais — como arara, mutum, queixada, anta, veado, caiarara, maitaca, irara, tamanduá-bandeira, papagaio e jabuti — eram Yanomami e, como os Yanomami, moravam em *xapono*. Horonami designou cada espécie de animal e deu-lhes seus nomes. Naquela época, ele procurou pela terra firme sem descanso, quando não havia *xapono* espalhados pela selva; havia somente o *xapono* dele.² Os animais também viviam em *xapono*.³

Quando Horonami soprou a escuridão com sua zarabatana para nós dormirmos, ele queria que anoitecesse. Ele encontrou a escuridão e soprou. Depois de fazer cair a escuridão, ao mesmo tempo se desenhrou um pequeno círculo no chão, embaixo do lugar onde estava empoleirado o dono da escuridão.

O pai do cunhado de Horonami se chamava Manawë. Ele era uma boa pessoa, e avisou:

— Ele vai achar agora! Tomem cuidado! — avisou Manawë no *xapono*.

Quando Horonami flechou o mutum da noite, apesar de estar perto da sua moradia e de retornar correndo, ele também sofreu, porque anoiteceu de uma vez. Depois de ter soprado a noite em todos os cantos, e de ter corrido, ele adormeceu. Naquela noite, os Yanomami também sofreram. Não anoiteceu devagar. Até Horonami passou fome, pois não tinha como fazer fogo. Ele acabou ficando na escuridão, apesar de estar perto do seu *xapono*. Como foi assim que aconteceu, a mãe dele também sofreu, todos ficaram tontos de fome à noite. A escuridão perseguiu Horonami bem de perto, e ele estava com fome.

Depois de a noite apagar o dia, os que moravam com ele morreram de fome, pois comiam somente terra, comiam terra

2. Horonami realiza diversas buscas para encontrar tudo que os Yanomami usam para viver.

3. Isto é, eram gente.

vorazmente e sofriam. Não sobreviveram. Até seu próprio cunhado sofreu e quase morreu. Horonami ficou angustiado.

Havia então três pajés: o avô, o avô mais novo e o cunhado, e eles esquartejaram a noite, fazendo reaparecer a luz do dia.

Para as pessoas não comerem mais terra, Horonami foi caçar. Ele nos ensinou a caçar. Ele tinha uma zarabatana, que alguns Yanomami usam para soprar, era isso que ele usava. Ele soprava os animais, tinha um sopro forte, e foi assim que ele nos ensinou a matar a caça com veneno.

É assim, é a própria história dos antepassados. É a história daquele que se apossou da floresta, é o início de tudo, a história do primeiro dono da floresta, Horonami.



Ruwëri

PĒMA ki miopë, pēma ki pehi taei ha, tē tama. Ihi tē rē tare, exi tē ha tē taema? Pēma ki rē hititiwē rē miore, tē taprapë. Komikomi tē urihi ha e kuopë, a taa he yatirarepë, a taema. A taprai he yatiopë, kama yahipi ahete ha, ihi tē texinaki pata hāpraa waikiama kupiyei ha.

— Kihami hii hi nasiki ha pei tē pata roa — a puhi ha kuni, a taema, a taei payëkou piyëkoma.

Kama titititi a ha kuxëpraruni, a ha harini, pēma ki miopë mai! Kama titititi a xomi ha pëtaruni, pēma ki mio pehi mai! Inaha a taprarema, ai tēni mai! Titititi a rē kuprouwei, ai tēni a tapranomi, Horonami a yaini. Ihi xīro. Horonamini kama pēma ki maharixipi pehi rē horakenowei Horonami a yaia totihia. Ihi a xīro yaia.

Heao ha tē pē na ha wayotini, heao ha wama ki na wa rē wayouwei, hei tē titititi kuprou mao tēhë, mi haru a xīro hiakawë kuotii kutaeni, ihi tē nohi mohotipropë, titititi a taema. Tē ka kahupropë.

Hei ai a hikari rē prare naha, kihi Ruwëri a paa, hei a pata paoma, paruri kurenaha a pata paoma. Paikawa koha pata ora hitoteopë ha, tē texinaki pata hāpraoma. Inaha Ruwëri a kuoma. Ihi Ruwëri a rē kui, paruri kurenaha a kuoma makui, yakumi a he haa he yatirema. Kama titititi a makui, paruri kurenaha a ikima, mia kurenaha, mia ikii kuaama.

Ihi tēhë, yakumi yaro, ara, paruri, warë, xama, haya, hoaxi, ārima, hoari, tēpë, werehi, totori, Yanomami hei kurenaha, tē pē hiraoma. Ihini yaro pē wāha hiraapotayoma. Kamiyë pēma kini, pēma pē wāha yuapë. Ihi tē mi wakaraxi xīro hami

a taetotima, taetotima, taetotima...Ai yahi ai, ai yahi, xapono kurenaha kuo tēhē mai! Yami a pērioma. Hei a xapono rē kurenaha hapa pē kuoma.

Ihi tēhē Horonamini Ruwēri a rē horaprare, pēma ki rē miowei, tē mi titi titimai puhiope yaro, a horama, titititi kamani a horaprarema. A ha kemarini, ihi tē xīro ha a rē kemare tē ha, īsitoripi komorewē titititi a praoma. Titititi a praoma, ihi a pepi ha.

Pe heri hiipi rē kuonowei, ihi pē hii Manawē e wāha kuoma. E wāha wāritio taonomi. Pe heri hiipi wāha kuoma.

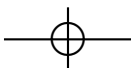
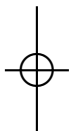
— Kuikē a taprai kure. Pei pē ta moyawēpo! — e kuu heama.

Kutaeni a rē niarahari, kama a wāisipi ahetea makure, a rērēmama makui, a no preaama. Rope tē mi titirayou yaro. A ha horararini, a rērēatii makui, hei a mio kure. Ihi tē titi hami, pē no Yanomami preaai xoaopē. Opisi titi a kuaa taonomi. Ihi tēhē kama a makui, a no preaama, ohiri, pohoro hi ki poimi yaro. Kama a ruwēmoma, yakumi kama a ruwēmoma, a hiraa ahetea makure, a ruwēmoma. Inaha tē kuprarioma kutaeni pē nii e no preaama, pē ohiri wēkēkoma mi titi hami. Inaha tē kua. Kihira si ki rē kurenaha, inaha e ruwēmou kuoma, yahi ahetea makui. Ohiri.

Horonamini pē kī rē pēriawei ha, pē ka rē hēaprarihe, ohi a wayuni, pē nomaa haikirayoma. Pē xēprarema. Hei pita a yāxaamahe, a pata wēhērimamahe, horema pē rē kurenaha pē no preaama. Ihi e pē hēpronomi. Pe heri a no premapoma. Pe heri e kī waharoprarioma. Kama a rē kui, a xi harihirayoma.

Hekura inaha tē pē kua yaro, pē xii, pē xii oxe, pe heri, inaha pē kua yaro, inaha, ai, ai, ai, pē hekura kua yaro. Titi a ha yakēkēprai he ha yatiroheni, tē mi harumaremahe. Ihiru heinaha kuwē, huya, pē hiakapronomi, pē nomaa haikirayoma. Pē ohitima yaro. Pruika mi titi tē pē yukemahe yaro, titi a huxomi hami, pē hiakapronomi, pē ruwēri no preaama, pē ni kī ha mapraruni, ihiru rope pē nomai he tiherimoma, inaha tē pē kuaama.

Ihi hei tē rē kupraruhe hami, kama a rami hui, a rami hui, kamiyē pēma ki hirai ha, yaro pē niai hirai ha, mokawa a poimi makure, yoroa Yanomami tē pē rē horaiwehei, ihinaxomi a poma. Ihini yaro pē horama, mixiā ki hiakao totihioma, ihi tē pou yaro, tē pē husuni, tē pē ixou hirai ha, ai tē ihiru imisi kái hīrema, tē rē xēprarenowei, ihi rē a rē pērio mi hetuonowei, ihirupī xēprai hayurayoma. Pore a pērioma, hapa kái, Horonami payeri, ihi ihirupī rē xēprai hirare, kutaeni, ōka tē pē ha huni, tē pē xēihe, ihini tē pē horai hiraama. Inaha tē kuwē, pata tē ā yai. Ihi urihi a rē ponowei tē ā, tē komosi rē praikuhe hami tē ā.



Horonami

ESTA é a verdadeira história de nosso surgimento: quando a floresta era virgem, apareceu Horonami, personagem principal de nossa história, por causa de seus ensinamentos. O grande pajé¹ yanomami Horonami surgiu dele mesmo; surgiu ao mesmo tempo que esta floresta e foi quem ensinou os Yanomami a morar nela. Assim foi o início.

Não existia Yanomami como os de hoje, nem outro ser humano.

Ele propagou sua sabedoria para que nossa história fosse sempre lembrada e discutida, como fazemos agora. Aconteceu bem antes de os tuxauas yanomami passarem a existir como existem hoje.² Horonami foi o primeiro habitante da floresta e nos ensinou a morar nela, assim como ensinou também aos estrangeiros, os *napë*.³ Ele não tinha pai, mas mesmo assim ele surgiu. Ele surgiu em uma floresta maravilhosa.

Quem morava com Horonami? Horonami morava com seu cunhado, Wiyanawë, que, apesar de não ter desposado sua

1. Ser pajé, nestas histórias, quer dizer que o personagem em questão é ou tem a capacidade de se transformar em espírito e, com isso, fazer coisas extraordinárias.

2. No Amazonas, onde vivem as comunidades de Ajuricaba e Komixipiwei, usa-se *tuxaua* ou *liderança* para designar a pessoa de referência de uma comunidade indígena, por essa razão optou-se por esses termos na tradução.

3. O termo *napë* designa os estrangeiros, em geral os brancos, ou quem adotou seus costumes.

irmã, era seu verdadeiro cunhado.⁴ Horonami sempre o levava consigo nos períodos que passavam dentro da mata, chamados *wayumi*, e ensinou os descendentes como ir de *wayumi*.⁵

Apesar de sua mãe não ter parido Horonami, pois ele surgiu de repente, o nome de sua mãe era Yotoama. O pajé Horonami foi quem procurou e descobriu nossa comida, nosso conhecimento da floresta e o habitat dos animais, para que, quando os Yanomami ocupassem a floresta, eles fossem capazes de aplacar sua fome de carne.

Ele descobriu o nome dos animais quando eles viviam como nós. Apesar de serem animais, antes eles viviam do mesmo modo que os Yanomami.

Como ele fez aparecer a água para acalmar a sede dos Yanomami? Ele abriu várias veredas na floresta. Abriu veredas em todas as direções, de forma que elas nunca sumam e que sempre bebamos água.

Horonami tinha seu próprio *xapono*,⁶ onde moravam também seus aliados, que se tornaram muito importantes.

Como se chamava o *xapono* pertencente a Horonami? Esse *xapono* chamava-se Horona.

O *xapono* vizinho, que ficava do outro lado do rio, se chamava Menawakoari. Os primeiros habitantes desse *xapono* também se chamavam Menawakoari. Penewakoari era o tuxaua e morava com o grupo dos Kapurawëteri. O tuxaua dos que

4. Os Yanomami, tradicionalmente, não podem chamar uns aos outros por seus nomes próprios, por isso usam termos de parentesco. Quando não há consanguinidade, são usados termos de afinidade, como cunhado ou sogro. Cunhado é também um termo positivo, na medida em que indica alguém em quem se pode confiar.

5. Longas estadias coletivas na floresta. Em geral são motivadas pela falta de comida no *xapono*. A comunidade pode se dividir em vários grupos quando se trata de um *xapono* populoso, e se desloca num vasto círculo, fazendo acampamentos sucessivos.

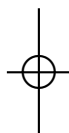
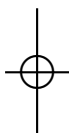
6. Os *xapono* são as casas coletivas circulares onde moram os Yanomami. Cada casa corresponde a uma comunidade; em geral não se fazem duas casas numa mesma localidade.

moravam com Horonami se chamava Penewakoari. Kapurawë era o nome do *xapono* e da região dos Kapurawëteri.⁷

Penewakoari morava com eles e estava destinado a se transformar num monstro. Penewakoari depois se transformou no monstro Xõewëhena, faminto de carne e comedor de crianças. Mas, quando ainda era Yanomami, Penewakoari morava no *xapono* Kapurawëteri, vizinho ao *xapono* Horona.

Nesses *xapono* moravam poucas pessoas. Com o tempo, nos *xapono* vizinhos foram aparecendo mais tuxauas. Os primeiros tuxauas que viviam nos *xapono* vizinhos, os *xapono* dos aliados, não eram nossos antepassados, eram outros. Sobre eles se contaram estas histórias.

7. *Habitantes*: em alguns casos o *xapono* tem o nome de seu tuxaua.



Horonami

YANOMAMI hekura kama xoati a pētarioma, urihi hami he usukuwē a rē pētariowei, Yanomami pēriai hirarewē a rē pētariowei a yai. Inaha tē kua, hapa.

Yanomami hei kurenaha pē kuo mao tēhē, ai tē kuonomi.

Wetini pēma ki taprarema? Kamiyē pēma ki rē pētariowei tē ā yai kua. Pēma ki rē hiranowei kurenaha pēma ki noā tayopē. Urihi a xomao tēhē, Horonamini Yanomami tē rē hiranowei, ihi a xīro periami pētarioma. Horonami Yanomami tē pē ihirupī pēriami kuo mao tēhē, Horonami hapa kama hekura a pētarioma. Pētaruni, urihi a yurema. Inaha kamiyē pēma ki no patapi yai wāha kua.

A pērikema. Kamiyē pēma ki pēriai hirapē. Napē pē makui, pē pēriai hirapē, hiraama. Horonami ai pē nīi e kuonomi makui, kama a pētarioma. Urihi hei a kuonomi, urihi katehe a ha a pētarioma, katehe urihi a ha.

Horonami weti xo ki pēripioma? Kama Horonami, pe heri xo, Horonami pe heri a rē pararuponowei, notiwa tē ki wayumi pēriai hirai ha a rē pararuponowei, pe heri Wiyanawē e wāha kuoma, ihi Horonami pe heri yai, yaipi e poimi makure, Wiyanawē pe heri e kuoma.

Pē nīini a kepranomi makui, e xomi pētarioma, pē nīi Yotoama e wāha kuoma. Horonami kahiki rē nīimonowei kama xoati Yotoama e wāha kuoma, Horonami nīipi. Yanomami pē rarou mao tēhē, ihi a rē pērikenowei, hapa a wāha koro prao kure. Ihini Horonamini hekura a rē pētariowei, kama xoati a rē pētariowei, ihini kamiyē pēma ki rē iaiwei, a urihi rē minowei, yaro pē rē pērihimonowei, pē rē wārinowei, kamiyē pēma ki naiki waopē.

Hei kurenaha kuwë të përihimoma, ìhini yaro pë wāha wārima, ìhi a mori kua yaro. Yarori pë makui, e pë Yanomami përiai ha pariikuni, Horonamini pë wārii piyëkoma.

Ìhini pë amixi kâi rë kōamanowei, ìhini wetini, weti naha u pë kupropë? Horonamini urihi hami pei yo pë reiki rë tanowei, exi të pë kupropë mai! Mayo ki maprou pëo rë mai, yo ki tama. Mau pëma u pë koapë. U pë kupropë, yo pë tama. Ìnaha a urihi komio tëhë, ìnaha të tama.

Horonami xaponopi kuoma, pë rë përiowei. Ìhi payeri a rë payeriponowehei, përiami të pë kuprarioma.

Kama xaponopi ipa kurenaha, pukatu hami, ai xapono, a rë kuonowei, Horonami kama xapono e rë ponowei, weti naha e wāha kuoma? A kâi rë përiowei, nahi rë itaponowei, kama Horona xapono e wāha kuoma. Ìhi kamani a wāha rë yehipore a kâi përioma. Ìhi e wāha kuoma, xapono.

Kama kipi rë përiowei, ìhi te he tikë ha, Menawakoari a kuoma. Hapa të pë rë përiowei të pë wāha, Menawakoari, Penewakoari hapa Xōewēhena yai, yai të rë kuprarionowei, Penewakoari a naikia rë përiowei, Penewakoari përiami kē a, Kapurawēteri pë kâi përioma. Hei Horonami kama teri e pë kâi rë përiowei Penewakoari përiami a wāha yai kuoma. Kama e pë rë kui Kapurawēteri e pë wāha kuoma. Kama yahipi, urihipi Kapurawēteri e wāha kuoma. Kama përiami Penewakoari, yai të kupropë makui, pë kâi përioma. Ìhiru pë wama, hei kurenaha pë wama. Hapa a yanomamio tëhë, Penewakoari a përikema.

Ìnaha houkutawë, kuwētatawë pë kâi përioma. Hāikitawë pë kâi përioma. Ìhi kama e pë rë kui Kapurawēteri. Kama përiami Penewakoari a wāha kuoma. Ìhi te he wai tikëre hami, pë yahipi he rë tikëkëmonowei, xoati përiami pë kuprarioma. Kama nohi pë yahipi he rë tikëkëmonowei, përiami ai, hapa të pë rë kuonowei, kamiyë yama ki no patama mai, ai! Hapa të pë wāha nohi rë wëyënowehei të pë wāha.

O surgimento do tabaco

ESTA é a história de Hãxoriwë, o dono do tabaco. Antes ninguém usava o tabaco, porque ninguém conhecia suas sementes, nem as soprava para semear.

“É desse jeito que se coloca o tabaco no lábio!” Ninguém pensava assim. Eles não conheciam o tabaco; por isso, ninguém andava com brejeira no lábio, ninguém o usava, pois o desconheciam.

Nessa época, Hãxoriwë morava sozinho, não tinha esposa nem filho. Quando Horonami por acaso o encontrou, ele fez perguntas a Hãxoriwë. Horonami o encontrou pois era pajé e se deslocava facilmente. Quando Horonami o encontrou, ele o viu comendo a fruta *pahi*, um tipo de ingá. Hãxoriwë estava comendo, mas não usava tabaco. Ele tinha vontade de usar tabaco, por isso chorava. Hãxoriwë chorava. Estava sofrendo por causa do tabaco, e assim nos ensinou a ter vontade de usar o tabaco — por isso choramos quando não tem tabaco.

Horonami apareceu naquele momento; Hãxoriwë estava comendo. Ele comia frutas *pahi* sem parar. Os galhos estavam cheios de frutas agrupadas, que estavam penduradas nos galhos carregados. Horonami o viu comer. Horonami estava vindo sem nada, não tinha brejeira, mas fez aparecer no seu lábio um tabaco sem cor. Ele fez aparecer o tabaco *taratara*.¹ Enquanto Horonami ainda estava de pé, ele perguntou a Hãxoriwë:

— Quem é você? Você aí, quem é?

— Não pergunte quem sou! Sou Hãxoriwë! — disse ele. — Meu filho,² é você?

1. Trata-se de uma variedade forte de tabaco, muito apreciada.

2. Modo carinhoso usado por parentes mais velhos ao se dirigirem a parentes mais novos, mais especificamente entre pais e filhos ou avós e netos.

— Sim.

— Você, quem é você?

— Sou Horonami, sou Horonami — disse. — O que você está comendo?

— Não pergunte o que é! — retrucou. — Eu como fruta. Eu como fruta. É a fruta *pahi*! — disse Hãxoriwë.

Quando ele disse isso, Horonami olhou. Ele queria fazer aparecer o tabaco. Ele não fez aparecer o tabaco da forma que o conhecemos, pois ninguém, sequer ele mesmo, sabia preparar o tabaco depois de soprar as sementes e de misturar as folhas com cinzas. Como Horonami era pajé, ele fez sair o tabaco de dentro de Hãxoriwë. Depois de fazer sair o tabaco sem cor, ele o usou. Hãxoriwë olhou e quando viu o tabaco:

— *Hiii*! — chorou logo.

Era um ardil para que Horonami lhe desse o tabaco:

— Brejeira! Meu filho! Brejeira! — chorou Hãxoriwë.

— *Hiii*! Meu sogro! Você está sofrendo tanto assim?!

— Sim! Estou querendo, meu filho! Divida o que você tem no lábio! — chorou ele.

— Meu sogro está sofrendo muito, mesmo! Me dê algumas das frutas que você está comendo e eu lhe darei tabaco para você provar! — disse Horonami.

Com essa conversa, Hãxoriwë jogou uma ou duas frutas. Ele estava sovinando as frutas, guardando-as só para si. Horonami experimentou as frutas.

Depois de chupar as frutas, os caroços caíam por si sós, de tão maduras:

“*Hiii*! *Prohu*! *Prohu*!” elas faziam ao cair.

— Sogro! As sementes estão moles. Tem muitas frutas ali grudadas, tire para mim!

— Não, primeiro me passe a brejeira!

Hãxoriwë nos ensinou essa palavra: brejeira. Assim, quando Horonami a guardou no lábio, ele disse:

— Minha brejeira!

Não apareceu logo esse nome, tabaco.³ Ele só apareceu quando Hãxoriwë pronunciou essa palavra, até então desconhecida. Horonami lhe deu a brejeira. Horonami aproveitou a situação e pediu outras frutas. Assim, Hãxoriwë lhe deu mais uma, mais uma e mais uma. Essas frutas penduradas, depois de colhidas, pareciam cachos de banana.

— Vamos, meu sogro! Experimente! — disse Horonami. — Prova!

Tēi!, Hãxoriwë caiu.

— Dê aqui! Traga aqui! — choramingou.

Como Hãxoriwë estava chorando, Horonami lhe deu o tabaco e ele logo o colocou no lábio. Quando o colocou na boca, ele já ficou tonto, e tremia de tontura. Ele chorava, embriagado. A força do tabaco o pegou imediatamente. Ainda com o tabaco na boca ele cuspiu, e a espuma caiu no chão. Onde a espuma caiu, surgiu um broto de tabaco, que logo cresceu e se espalhou de uma vez. As folhas de tabaco logo ficaram grandes, como as folhas da jurubeba.

Horonami fez aparecer o tabaco através de Hãxoriwë. O conhecimento das sementes foi transmitido, por isso nossos antepassados as pegaram e hoje nós usamos o tabaco, apesar de ele se originar do cuspe de Hãxoriwë.

— Meu sogro, depois de melhorar, você dirá: é só tabaco! — disse Horonami.

Enquanto Hãxoriwë estava pendurado e inebriado, uma espuma grande saiu da sua boca, por causa da força do tabaco. Ele se engasgou e cuspiu, e foi dessa espuma que surgiu o tabaco, do cuspe de Hãxoriwë, que se tornou tabaco.

E um dia, quando os antepassados foram de *wayumi*, como de costume, um deles encontrou o tabaco. Assim, fizeram se multiplicar as sementes e ficaram conhecendo o tabaco.

Quem fez aparecer o tabaco? Nós já sabemos, não foi outro que o fez aparecer. Não foi um Yanomami comum.

3. Nesta narrativa os dois termos são tratados como sinônimos.

Havia nessa época os Yanomami do *xapono* Warahiko, e foram eles que encontraram o tabaco, foi um deles. Quando viram o tabaco, disseram:

— *Õooãa!* Uau! Uma plantação de tabaco!

Foram eles que pronunciaram o nome do tabaco. Em uma região ali perto, moravam dois Wãimaãtori, de outro *xapono*. Quando os do *xapono* Warahiko encontraram um deles, lhe contaram a respeito do tabaco.

— Meu filho! Qual é o nome disso? — Ah, é tabaco! — assim retrucaram os dois Wãimaãtori.

Foi assim que aconteceu: Hãxoriwë, os Warahikoteri e os dois Wãimaãtori descobriram o tabaco primeiro. Foi assim que o uso do tabaco se desenvolveu. Os *napë* não fizeram surgir o tabaco depois de soprar as sementes. Foi a partir do lugar onde surgiu o tabaco que ele se espalhou por todo canto. Assim foi.

Como surgiu o tabaco? Já sabemos: Hãxoriwë iniciou o processo quando Horonami fez aparecer o tabaco, enquanto Hãxoriwë estava olhando. É obra de Horonami, foi ele quem o fez surgir. Ele é um grande pajé, por isso, o maior.

Depois de o tabaco se espalhar, quando os Warahikoteri eram Yanomami, eles até desmaiaram com a força do tabaco *taratara*. Sofreram de tontura. Os dois Wãimaãtori que moravam mais além, apesar de serem resistentes ao tabaco, também desmaiaram e ficaram duros por causa da força do tabaco *tara-tara*. Mas depois eles melhoraram. Foi assim que, em seguida, pegaram as sementes de tabaco e as espalharam, fazendo-as se multiplicarem aqui. Assim foi.

Hãxoriwë morava aqui. Depois da história do sofrimento de Hãxoriwë, surge a história do encontro de Horonami com o Tatu.

Hāxoriwē

H ĀXORIWĒ tē ā. Inaha tē kua. Pēe nahe mo ha horariheni, pēe nahe mo ki ha tarariheni, ha horariheni, nahe mo ha homorini, tē pē kareanomihe, hapa. Inaha pēe nahe kareamou:

Hata kure! Tē pē puhi kunomi. Xīro tē pē puhi mohoti kuotima, īhi tē pē husi kāi karereapraronomi, ai tē kareanomihe, tē pē puhi mohoti yaro.

Īhi tēhē, Hāxoriwē yami a pērioma. Hesiopi mai! Hesiopi a kāi kuonomi, ihirupi e kāi kuonomi. Īhi a he ha harēni, Horonamini a he ha harēni, a he harema, a he haapērema, a wārima, īhi wetini e tē yai taprarema. Īhini rē a he rē haareni, kama hekura a yaro, hei xīro kurenaha e warokema makui, Hāxoriwē a iai ha tararini, pahi ki ha a iama. Kete, pahi ki ha, xīroxīro pēe nahe kareponomi. A puhi toopronomi, īhi tē pē ha a īkima, Hāxoriwē a īkima. Īhi tē pē no pēxiri ha a no preama, hei pēma ki puhi toomi hiraama, pēma ki ma rē īkiiwei, īhi tēhē Horonami e pētarioma. Hāxoriwē a iama. Pahi ki ha a iatima. Pei hi poko ki hami, e tē pē pata yērēkēmoma, ximokore e tē pē pata reikipramoma. A iai tararema. Īhi ei tē rē pētamare, xīroxīro a huimama, ai e tē kareponomi, axiaxi e tē pētamarema, pei husi hami. Iha e tē rē pētamare, taratara e taprai kure. Horonami e upratou tēhē:

— Weti kē wa? Mihi weti kē wa? — e kuma.

— Wetima! Hāxoriwē kē ya! — e kuma — Xei! Kahē rē wa?

— Awei.

— Weti kē wa?

— Horonami kē ya, Horonami kē ya! — e kuma — Exi wa tē ki wai kure? — e kuma —

— Exima! — e kui no mihoma — Kete ya ki wai, kete ya ki wai. Pahi kē ki! — e kuma.

Ihi e mamo xatiprakema. Pêe e nahe pêtamaî puhiope yaro. Ai tēni, kamani tē mo ki ha horakini, tē ha yaarini, e tē ripi pētamanomi. Kama hekura a yaro, pei huxomi hami e hamarema. E ha hamarini, e tē karetarema axi. Kihi mamo xatiprakema. Pêe nahe ha tararini:

— *Hiii!* — iharē e ikia xoarayoma, pêe nahe ha, e tē hipēamai puhiope yaro, nomohori.

— Weyuyē kēēēē! Xei! Weyuyē kēēēaaa! — e kuma. E mia kuma — *Hiii!* Xoape wa puhī too no preomi totihiwē tawē?

— Awei ya puhī tooma, xei, mihi wa tē wai rē karepore! Tē ta karoa haipa! — a ikirani e kuma. E kui ha:

— Xoayē tē ā no preo rē totihiwē yai ta kēiii. Mihi wa tē ki rē ware, inaha tē ki ta hukēa tapa! Ihi hei ya tē hipēapē, wa tē mipē! — e kuma.

Ma kui tēhē, porakapi e tē ki, mahu tē ki xēyēkema, tē ki no xi imapou yaro. Tē ki nowamama. E ha xēyēkini, e wapama.

— *Hiii! Prohu! Prohu!* — kama e mo ki prērēi rēoma, hī horehewē tē ki pata.

— Xoape, tē mo ki pata prore totihiwē kē! Mihi xītōxītō tē ki pata rē tēre, ihi tē ki pata ta hukēpa!

— Ma, weyuyē a wai ta hio pario! — Kama Hāxoriwēni weyu a wāha hiraama. Ihi kutaeni, a karepou ha:

— Weyuyē kē! — e kuma.

Hapa pêe nahe wāha kuo haionomi. E ha kuni, e tē hipēkema. Ai ki ha nomohori nakaa kōrēni, inaha, hei ai a, ai a, ai a, inaha e ki takema. Ihi ki rē yērēkēawei, e ki pata ha hoyorēni, hawē kurata e tē ki hamo pata rii kuwē.

— Pei! Xoape! Hei! Tē ta wapa! — e kuma. Wapēpraa, ihi rē!

— *Tēi!* — e kerayoma. Hēyēmi kē! Hēyēmi kē! — e mia kuma.

E ikirani, e hipēkema. E karetaî xoarayoma. Ihi ei e rē karerehe hami, Hāxoriwē a rē kui, a hairema. A yatiyatia hairayoma. A porepi ikima, yētū a hairema, ihi tē ma karepore makui, kihami pei kahi u pē pata porepi rē prarirouwei, kahi u

pē moxi, kuaama makui, ihami rē nahe pēe rē pētore, kihi nahe pata rē homorihe, ihi nahe pata pēprarioma, pēe. Hawē kuma masi mohe pata rē yorihe.

Ihi Hāxoriwē iha nahe pēe rē pētamarenowei, nahe mo ki piyēai ha kuikuhēni, pēma tē pē hore kareai kure, pei kahi u pē makui.

— Xoape wa ha harorini: *pēe nahe* wa kupē tao — e kuhērīma.

A porepi rukēo tēhē. Pei kanehēro pēni a xoaprarioma, pēe nahe wayuni. Ihi iha pēe nahe ki harayoma, pei kahi u pē pēenaheprarioma. Pata pē hui ha kuikuni, tē pē wayumi ma rē huiwei, tē pē ma rē pēriaiwei, tē pē pēriama, pēe nahe he pata rē haaīwei, a hurayoma.

Tē mo ki paramai xoao hēriipehe, te he pata haremahe.

Wetini tē ki pētamarema? Pē puhi kui mai! Ai tēni pēe nahe pētamai taonomi, Yanomami tēni mai! Warahikoriteri pē hiraoma. Kama pē xīro hiraoma. Ihi pēni pēe nahe he haremahe. Warahikoteri ani. Ihi pēni pēe nahe ha tarariheni:

— *Ōooāa!* Pēe rē nahe pata!

Ihi rē pēni nahe wāha yupraremahe. Ihi tē he tikēa ha, Wāimaātori ki pēripioma. Ihi Warahikoriteri pēni a he ha hareheni, Wāimaātoriwē kipi iha pē ā no wēa piyēkema. Ihi kipini:

— Xei! Wetī naha, exi tē pē wāha? Puhi ku tihehē! Pēe kē nahe! — Wāimaātori kipi kupīma.

Ihi pēni, hei Hāxoriwē, Warahikoteri, Wāimaātori kipi inaha pēe nahe kareai rē xomaonowehei pē kuprarioma, te he haa rē xoamakenowehei. Inaha a kupro hēripē, pēe. Napē pēni tē mo ki ha horakeheni, napē pēni a kāi tapranomihe. Taprano hei ami, napē pē iha. Ihi a urihi rē kutarenaha nahe pētopē ha, a xomi tapramai xoarayo hērīma. Inaha a kuprarioma.

— Wetī naha pēe nahe kuprarioma? — puhi kui mai! Haxō-riwēni. Horonamini e nahe hipēkema. Kama hēyēmi e nahe pētamarema, kama mamō yēo tēhē. Ihi unosi yai, Horonamini

tē rē pētamarenowei, tē yai. Kama hekura a yai pata, pē hīi a yaro. Pē hīi yai.

Hei pē rē kui, ei a rē piyērēahei, īhi Warahikoteri pē rē kui, pē Yanomami kuo tēhē, hei pē naheni, taratara a wayuni pē nomarayoma. Pē porepi no preaama. Hei ki he rē torepire ki no motahapiwē makui hei taratara ani, ki kī nomawē kaxexēpiwē no prepioma. Ihi makui, waiha kipi haropirayoma. Kutaeni hēyēha nahe mo ki piyēremahe, piyēa xoaremahe. Nahe mo ki piyēaihe, hēyēha a raroa piyēkema. Praukou xoaoma. Inaha a kuprarioma.

Hei Hāxoriwē a pērioma, hēyēha. Ihi tē mi amo ha, hei a no rē preaamare, hei a no rē premarihe, a ha hayuikuni, Mororiwē a he hōra haa piyērema.

Horonami e o tatu

O surgimento do cipó e da embira

O TATU era Yanomami e era muito comprido.¹ Horonami encontrou o Tatu. Por que Horonami cortou o Tatu bem na cintura? Nós, Yanomami, amarramos terçados e fazemos as cordas de arco com o cipó-de-apuí que se ergue na mata. Nós o cortamos e descascamos. É com isso que nós amarramos nossas redes, com as embiras de cipó-de-apuí.

Horonami cortou o Tatu. Antes disso não havia linha de pesca. Nossos antepassados não tinham corda de rede. Depois de encontrar o Tatu, depois de esticar suas tripas, depois de destruí-lo, ele o cortou em pedaços.

Foi Tatu quem fez aparecer o machado, pois foi ele quem o fabricou. Ele percebeu que certo tipo de madeira dura parecia um cabo de machado. Assim, o Tatu possuía o único machado. Ele ensinou aos *napë* como fabricar o machado. Então ele não tinha dificuldade em tirar o mel, pois tinha o machado. Ele fez um cabo comprido, depois de quebrar um pau, enfiou e amarrou o machado de pedra em um pau, era um machado de pedra; depois de amarrá-lo, ele partiu um tronco e tomou mel. Os antepassados não tomavam mel, não sabiam tomar. Ele ensinou a tomar mel, ele que existiu primeiro, quando os Yanomami não existiam, quando este inventor não morava entre eles, ele ensinou a tomar mel. Esse tatu se chama *moro*. Horonami o encontrou.

Ku, kōu, kōu, kōu, kōu, kōu!, fazia Tatu, cortando o tronco. Horonami ouviu esse som pela manhã.

1. Era gente, e tinha os hábitos e o corpo semelhantes aos dos Yanomami. Trata-se aqui do tatu-de-rabo-mole-comum (*Cabassous unicinctus*).

— *Ho!* Quem produz esse som, eu quero ver. Dá para ouvir de longe — disse Horonami.

Ele logo foi em direção ao som. O Tatu estava sozinho; o som fazia zoadá. Horonami estava indo na direção do som e parou. Tatu derramava o mel *tima*,² ele o derramava de uma árvore à qual deu o nome de *roa*.³ Horonami ficou de pé parado, perto de Tatu, fazendo um som com a boca para chamar sua atenção. Aí fez outro som com a boca, mas Tatu nem olhava, ele cortava sem parar, com as pernas abertas. Naquela época, ninguém chamava o outro de *sogro*. Horonami nos ensinou então a chamar de *sogro*:⁴

— *Hiii*, meu sogro! — disse. — Meu sogro! — disse Horonami com uma voz assustadora.

Quando disse isso, o Tatu parou.

— *Fi!* *Õ!* — disse assustado. — *Fi!* *Õ!* De quem é essa voz? — O Tatu falava assim. — De quem é essa voz? — ele respondeu, com uma voz que não era normal. Era o seu jeito de falar mesmo.

Horonami olhou, sorriu.

— Sogro! O que você está comendo? O que é isso? — disse Horonami.

— Não pergunte quem eu sou! — ele disse. — Você sabe quem eu sou! Sou o Tatu! — disse ele. Dizendo isso, ele perguntou:

— Qual é o seu nome? — ele desafiou Horonami a dizer seu nome.

— *Fi*, eu sou Horonami.

Horonami falava com uma voz bem bonita, pois ele era bonito.

2. Mel de uma abelha de mesmo nome, que faz sua colmeia no oco dos troncos, próximo ao solo.

3. Árvore alta e de madeira dura.

4. Sogro, ou tio. O uso desse termo indica uma relação de respeito. Horonami quer se aproximar de Tatu. Trata-se também de uma observação irônica, pois as mulheres ainda não existem no período em que acontecem as histórias de Horonami, e portanto as relações de aliança — sogro/cunhado — não são uma possibilidade.

— *Hĩĩ*, meu filho, eu sou o Tatu.

O Tatu era esbranquiçado. Ele era branco, como os *napẽ*. Ele o chamou logo.

— O que você está querendo fazer? O que você está cortando?

— *Fi*! Estou comendo assim! Estou comendo isto.

— Eu quero experimentar — disse Horonami. — Quero experimentar um pouco! Posso beber? Que tipo de mel é?

— Não pergunte o que é! É o mel *tima* — disse o Tatu.

A partir desse momento, nós, Yanomami, aprendemos a chamar esse mel de *tima*.

— Lá tem mel *tima*! — ao vê-lo, eu direi assim.

Foi o Tatu que ensinou o nome. Horonami chegou mais perto daquele que estava falando. O Tatu maroto chamou Horonami.

— Vai! Experimente, meu filho! Experimente, meu filho! O buraco da colmeia ficou aberto. Pise nesse buraco e entre nela! — disse.

Era uma armadilha para fazer Horonami entrar no buraco da árvore. Horonami aceitou:

— *Hĩĩ!* Será que o buraco tem espaço suficiente? O mel está jorrando, está gotejando mesmo. O buraco da colmeia está em baixo. A colmeia acaba aí. Entre lá dentro! Fique mais em cima, pise para baixo! Eu estou olhando! — disse o Tatu, malicioso.

Quando ele disse isso, Horonami cedeu e entrou logo. Foi logo e entrou, a colmeia fazia barulho, e ele foi até o alto da colmeia. Ficou de pé lá no alto dela. De pé, onde ele entrou, pelo buraco que o Tatu tinha feito. O Tatu fechou o buraco, e não havia outra saída. O Tatu prendeu Horonami lá em cima. Horonami gritava lá dentro. Não tinha como sair. Se Horonami fosse um Yanomami como outro qualquer, ele jamais sairia. Ele gritou e gritou lá de dentro, sofrendo, gritando e chorando. Chorava como criança. O Tatu, que o prendeu, fugiu correndo para longe. Aquele que estava preso por si só fez espocar a árvore. O Tatu já estava longe.

— Ele não vai me seguir — pensou o Tatu, muito seguro de si. Horonami, com seu pensamento e seu sopro forte, arreben-
tou a árvore *roa*. Ele ficou de pé e olhou ao redor, mas o feioso
que o prendeu não estava mais ali. Horonami ficou sozinho.

— *Hĩĩĩ!*

Depois de pular com a explosão, passou pegando a dala e a
zarabatana que estavam penduradas. Colocou nas costas.

— *Hĩĩĩĩ!* — gemeu. — O que tem o nome de Moro, esse
feioso, ele ferrou comigo! — disse, triste.

Horonami não errou de lugar: ele correu logo para onde o
Tatu havia ido, e foi rápido, ensinando-nos a correr. Horonami
correu na direção do lugar onde havia muitas pedras saídas da
terra; ele correu e correu, seguindo os rastros do Tatu, como
fazem os cachorros. Daí, Horonami correu dando uma volta, e
cortou o caminho do Tatu. Horonami o encontrou e o Tatu se
assustou. Como o Tatu o havia prendido, ele ficou com medo e
com raiva por dentro, e tentou agradá-lo, mas não conseguiu
suscitar a compaixão de Horonami.

O Tatu apareceu.

— *Taha! Arrá!* — disse Horonami.

Era mesmo o Tatu. Ele espreitava, com a mão sobre a testa,
à procura de mel. Olhava passando entre as árvores. Horonami
já estava de pé, pegou um atalho e deu uma volta. O Tatu se
confundiu na floresta e acabou chegando justo onde estava
Horonami. Horonami estava de pé, atrás da árvore, e deu um
susto grande nele. Horonami queria cortar aquele que o havia
aterrorizado. Ele decidiu levá-lo até um tronco, fingindo que
ali havia uma colmeia, para fazê-lo se abaixar. O Tatu pegou o
machado.

— *Hĩ!* Meu filho, aqui está! Aqui está! — disse. — *Hõ, hõ, hõ,
hõ!* Meu filho! *Hõ, hõ, hõ, hõ!* Venha cá ver! Olhe aqui! Meu
filho, aqui está! — disse Horonami.

Horonami dizia isso tentando agradar o Tatu, e ia indo atrás
dele.

— *Hiii!* Me passa isso que você tem aí no ombro, está afiado mesmo? — disse Horonami, astuto.

A falsa colmeia fazia barulho, e Horonami fez diminuir esse barulho, para que o Tatu abaixasse a cabeça para ver melhor a colmeia. Enquanto o Tatu olhava para a colmeia com a cabeça abaixada, enquanto ele estava nessa posição baixa, ele dizia:

— Aqui está a entrada da colmeia!

Quando o Tatu disse isso, o machado já estava na mão de Horonami e, enquanto o Tatu abaixava a cabeça, Horonami o cortou bem na cintura.

Krihii, krihii!, fez Horonami, cortando o Tatu para se vingar, pois ele tinha sofrido por causa do Tatu.

— *Ēēēēāāāē!* — gemeu a parte de cima do longo corpo do Tatu.

Apesar de ser só um pedaço, a parte superior correu embora, sofrendo. Do lado de cá ficou a parte inferior; as tripas vinham se esticando e a parte superior ficava rolando. Assim, as tripas foram se esticando até lá, elas não se arreentaram. A parte superior daquele que Horonami havia cortado, e que ele queria que se tornasse o tatu *moro*, foi lá para cima, até onde estão os espíritos. Foi para lá que fugiu a parte superior do Tatu. Aqui no chão ficou a parte inferior.

Só um pedaço do Tatu chegou aos espíritos. Suas tripas não apodreceram; elas foram até onde se erguem as árvores e subiram nelas. Uma parte das tripas do Tatu se transformou em cipó-de-apuí e outra parte se transformou na embira *xinakotorema*, com a qual, depois dessa transformação, os Yanomami começaram a amarrar as cabeças das redes de cipó. Foi assim.

Apesar de nossos antepassados saberem fazer redes de cipó, eles se deitavam no chão, pois não havia corda. Eles se deitavam no chão — colocavam a rede de cipó no chão para deitar.

Como foi que eles descobriram a rede de cipó? Eles não sabiam descascar o cipó-titica com os dentes, então era assim.⁵ Até

5. O cipó-titica é usado na fabricação de cestos.

as moças deitavam no chão. Deitavam uns em cima dos outros, como os cachorros. Sofriam na escuridão. Eles eram assim. Dormiam passando frio. Para que nossos antepassados não passassem mais necessidades, as tripas de Tatu se tornaram cipó-de-apuí que amarra as redes. Foi assim.

Depois da transformação das tripas, eles passaram a usar o cipó para fazer terçados e machados de pedra, e para amarrar a cabeça das redes, também feitas de um tipo de cipó. Depois, com o passar do tempo, eles teceram cestos. No início eles também não sabiam tecer cestos. Assim foi. Esta história acabou.

Mororiwë

Ihi Mororiwë Yanomami a kuoma, a rapeoma. Hei a he haa piyërema, Hãxoriwë a wapëa hayurema.

Ihi exi të ha a rii pëprarema? Pëixoki pëprai rë piyërayonowei. Yanomami pëma kini sipara pëma pë ôkapë, hâto pëma nahi tana pë tapë, xiki pë uprahaapë. Xiki a kuo tëhë pëma a ha hanirëni, pëma a kâi hikekeai. Ihi ani pëma ki pëki he ôkaopë, xiki pë kupropë.

Mororiwë a pëprarema. Ihiya masitana pë kuonomi. Pëma ki nohi patama pëki tana pë kâi kuonomi. Ihi a he ha harëni, xiki ha hîrihou xi ha wãria hërinî, hemata a pëprarema yaro.

Mororiwë hâyokoma kama e posi rë pëtarionowei, kamani posi taprarema. Himaro a ha tararini, hâyokoma kurenaha e të kuoma. A ukërema, a ha ukërinî ïhi kama Mororiwëni rë a hâyokoma mahu poma. Napë pë iha të tai hirapë. Mororiwë a makui a xîro no preaanomi. Napë pë iha hâyokoma a tapramapë, a ukërema. Hawë hâyokoma a kure a hîikema, poo e maro kuoma a kora ha ôkakini, puu a wama. Kamiyë pëma kini puu pëma pë wanomi. Pata të pëni puu pë wanomihe, u pë kâi koai taonomihe. Ihi tëhë, ïhini puu pë wai hirakema, kama a rë kuo xomaonowei, Yanomami të kuo mao tëhë, të puhi rë taowei të përio nikereo mao tëhë, ïhini puu pë wai rë hirakenowei kë a. Moro pë wãha kua. A he hõra harema:

— *Kou, kou, kou, kou, kou, kou!* — e kui përaoma. Harika a he hõra harema.

— *Ho!* Weti a hõra, ya të mîi ta yaio hëri kë? Të hõra karëhou ayaa — a ku hërima.

Ihami e katitia xoarayoma. A hōra morokotaa tayoā yaro, ai a payeri kuama mai! a hōra karēhoma. E rē huimiiiii, e uprakema. Hei a tuyēi. Tima e tuyēma. Roa iha wāha tapra-mapē, roa hi ha a tuyēma. E upratarioma. Xoape! Ai tē kâi kunomi. Ihini tē pē xiimou hirakema. E upratarioma. E kahiki sukusukumorayoma. A ma tahamore, e mamo xatipraonomi. E paxēpaxēmoma, e rerekerani.

— *Hîi*, xoape! — e kuma — Xoape! — e kui no kirihiwē pētarioma.

E kui ha, e tiraprakema:

— *Hî!* *Ô!* — e kuma, a âtiprario yaro — *Î!* *Ô!* Weti kē wa wā? — e kuma. Inaha a wā hai kuoma. — Weti kē wa wā? — e kunomi.

Ihi inaha kama a wā rii hai kuoma. E mamo xatiprakema. E kahe watetarioma.

— Xoape! Exi wa tē wai kure? Exi kē tē? — e kuma — *Ô!* Weti kē wa?

— Wetima! — e kuma — Wetima! Mororiwē kē ya! -e kuma — Mororiwē kē ya. Ai weti naha kahē wa wāha kua kure? — e kuma, a wāha kâi yupramarema.

— *Hîi!* kamiyē Horonami ya ta kui! — e kuma.

A wā kâi hai totihitao he parooma. A riēhēwē yaro.

— *Hîi!* Xei! Kamiyē Mororiwē kē ya! — e kuma.

E pruxixioma. Weti a au nikerea kure? A auoma. Napē pē au rē kurenaha. A nakaa xoarema.

— Weti naha wa tē tapē xoapē? Wa tē paxai ta kurawē?

— *Hî!* Pei ya tē wai! Pei ya tē wai!

— Ya tē wapai puhia ta kurani — e kuma — Ya tē wâisipi wapai puhia ta kurani! — e kuma — Ya tē u koapē kē! Exi naxomi kē tē? — e kuma.

— *Hî!*, exi tē ma! Tima kē a — e kuma.

Inaha Yanomami pēma ki kui hēopē:

— Kiha tima a kua — ya ha tararini, ya kupē.

Ihi tē hira. Tē wāha yuprai hira ha. A rē kure e ukukema. A nomohori nakarema. Inaha tē pē kuaai puhio yaro. Kamiyēni

pē nomohori ha nakarēni, pē no xēa rē kurepiwei naha, a taprai puhio yaro, a nakarema:

— Pei! Wapēpraayo! Xei, wapēpraayo! Xei! Hei oraora u nanoka pata hēkei kuhe! U nanoka pata ta kakukuprario, hēyēmi wahē ki ha rukētaroni — e kuma.

A nomohori rukēmapē. E ha kuni, e kui ha, e no xi kái imaonomi.

— Hīi! Wa tē hi ka yawētēa ta yairawē! Hei tē u pē nia pata weoweo, tē u pē nia pata xararawē nohi yaii! Hei u pata koro, hei kē! hēyēmi u he pata tatoa kure! A ta rukē taru! Kiha wahē ki he ha torehe taruni, īnaha u pata kakukupia taya hēri! Ya mamo yēo tēhē! — e xomi kuma.

A kui ha, e rukērayoma. E ihetarioma. E ha ihetaruni, Horonami e rukērayoma. E rē kōririmo hēriiwei, u he pata tatoopē ha, e upra parihirayoma. Upra paru huruni, hei a rē rukēmāre ha, a rē pēpramouweini ta ka komipramarema, ai e te hi ka kuonomi. Kiha a xi wāri parihirayoma. Kohomo hami a kōmimai kupoti. A no hapimi yaro. Hei kamiyē Yanomami pēma ki rē kurenaha, a rukēi ha kunoha, a no yokēi kōtaopi rē mai! A rarima, kihami a wā kōhomoketayoma, a rariprarou no preoma, a īkima. Ihiru kurenaha a miomiopraoma. Hei a ka rē kōmapramariheni, e tokurayoma. A ka komaprarema yaro. Hei a xi rē wārimakihe, kihami e rērērayoma. A pēka rē kahure kama pehi hōra homoprou hērayoma. Prahaa waiki tare:

— Ware a nosi yauai mai tao! — e puhi xomi ha kuni.

Kama puhini, kama mixiā kini, roa hi pata hētimatema.

— Hīi! Pou! — a upratorioma. Wāriti tēni a ka rē kahu-praiwei, a miprarema kuonomi. Yami a hētarioma.

— Hīi! — e kuma.

E ha yutupraikuni kama ruhu e ma ki pesi rē rukēpouwei, ma ki pesi hayurema. Tē ki ha yehitarini:

— Hīi! Pei a wāha yuamou Moroa rē wāritire, a no hore huxuai mata yai taniiii — a kui he yautarioma.

Yai hami e kái hui mai! Hī kama a hu hēripē hami e rērēa xoarayoma, e hua xoarayo hērima, tē pē rērēai hirai ha. Maa

— *Taha!* — e kuma.

— *Hī!* xei, hei kē a, hēyēha a kua kure — e kuma. — *Hō, hō, hō, hō,* xētēwē tē wai, *hō, hō, hō,* hēyēha kē tē ta mīpra ayo, xei, hei kē — e kuma.

A xomi yokomama. Ihi a ma kui tēhē, e ayōprarioma.

— Hīhi, mihi tē ta hiprao! Wa tē rē rukēpore tē namo? Tē namowē, namo kē tē! — e kui topraroma.

Hëyëha e naki makuonowei makui, e naki ã mi wëtëa piyë-makema. E naki mimapë. Inaha e naki mii ha, e kutou tëhë:

– Hëyëha hei tē ka wai – e kutou tēhē, ihi e rē yure, mohe
potou tēhē, pei pëixoki yai ha a pahetiprarema:

— *Krihii, kriihiii!* — kama a no yuo ha, kamani a no preaamai
tikooma yaro.

— *Ēēēāāāē!* — oraora e kuma, a ma hematai, hēyēmi a no preaa hērīma.

Kihi korokoro a rē praa hērati hamī xikī hīrihou hēoimama,
oraora a rē yapuro hēriiwei, yapuro hērii, yapuro hērii, yapuro
hērii, inaha xikī hīrihou kurakiri, xikī hētīnōmi, kama a rē
pēprarihe, oraora a rē kui.

A Mororiwë praii puhiope yaro, hekura pe ihami, a ora hurayoma. Ihami a ora tokurayoma. Kiha korokoro a prao

hēoma. Ihi Mororiwē a waropē hemata. Ihi xiki rē kui, xiki kái tarei maopē, hii hi kuopē hami, xiki kái tua xoape hērima, xiki a kuprarioma. Ai xiki xiki kuketayoma. Kihami ai xiki katirayo hērima. Kihami xinakotorema a kuprarioma, ihi xi pē hami. Inaha xi pē rii ha kuraruni, tē pē pēki he ōkaoma, hapa. Inaha a taprarema.

Hapa tē pē pēki tao makui, pei tē pē praoma. Tona ki kuami yaro. Tē pē praoma, tē pē pēriapē hami, tē pē pakohepramoma.

Ihi weti ha pēkipēki a ha tarariheni? Tē pē mohoti yaro, hei masi pē makui, too toto pē makui, tē pē kái waxai taonomihe. Inaha tē kuoma. Kuwē yaro, tē pē moko makui tē pē praoma. Hiima pororoo kurenaha tē pē kupramoma, tē pē kuaama. Ruwēri kē tē pē no preaa kure. Inaha tē pē kuoma. Sāihiri, tē pē prapramoma, inaha. Inaha tē kuoma. Kamiyē pēma ki no patama hōriprou maopē ihi Mororiwē xiki xikiprarioma.

Ihi xiki ha kupraruni, sipara pē, poomaro pē wai hiimamahe, tē pē pēki he kái ōkaoma, tē pē opi puhi ha taorini, yorehi si pē kái tiyēmahe, wii pē kái tiyēi taonomihe, hapa. Inaha tē pē kuaama. Ihi ei tē ā rē kui, tē ā makema.



O surgimento da banana

A HISTÓRIA da banana-pacovã. No início era assim. Nossos antepassados surgiram e não sabiam plantar bananas. Não fosse por isso, não haveria essas bananeiras. Não teria aparecido esse tipo de banana.

Como pensou e agiu aquele que fez surgir a banana, depois de morar e se estabelecer? Geralmente a gente vai à mata e encontra um lugar como se alguém tivesse roçado, um lugar queimado e limpo, bem no meio da selva. A gente chama esse lugar de *queimado do Fantasma*. Nesse tipo de lugar se encontra um telhado de palha, como aquele que nós costumamos tecer.

Embora ninguém tenha dito ao Fantasma, “teça as palhas assim!”, ele as teceu, apesar de ninguém ter ensinado para ele. Depois de Horonami ver o queimado, ele encontrou o Fantasma, dono do queimado, que morava ali. Nesse tipo de lugar, erguem-se os pés de sororoca, que são semelhantes às bananeiras, mas não dão banana.

O surgimento das bananeiras, não foi porque o Fantasma cortou, queimou e roçou a sororoca. Ele não as plantou. Elas simplesmente surgiram no dia seguinte.

Proto! Pauximi! Proto! Rokomi! Proto! Monarimi! Proto! Pakatarimi! Proto! Nakoaximi! Rokoya! Rokoroko! Roorewë!

Estas bananeiras e sororocas simplesmente saíram delas mesmas. Dois dias depois, o Fantasma voltou ao lugar onde havia queimado as sororocas e viu que tinha nascido também batata-doce. Não foi em outros *xapono* que ele pegou. Lá onde Fantasma tinha seus alimentos, onde havia as bananeiras, as sororocas se transformaram em bananas-pacovãs e a batata-

doce surgiu. Ali também dava cará, ária, pimenta e o mamoeiro. Foi o Fantasma que fez aparecer as bananeiras. Elas vêm do Fantasma.

Por que ele as fez aparecer? Porque ele tinha um filho, que ele tinha de alimentar.

Ao ouvir a voz do filho do Fantasma, Horonami descobriu a sua moradia e pegou com ele umas mudas de bananeira.

O Fantasma não tinha outros parentes. Ele mostrou aos Yanomami que é possível ter somente um filho. Ele fez apenas um filho, apesar de sua esposa ser moça. Agora ele não é mais pajé, como foi em vida.

Aquele que vinha, Horonami, encontrou as bananeiras e pediu mudas ao Fantasma. Quando não existiam nem roças, nem Yanomami, depois de Horonami pegar as bananeiras, ao chegar ao seu *xapono*, ele deu nomes a elas, deixando com isso o ensinamento de como plantar as bananeiras. Ele as pegou para nós as termos. Até hoje existem as bananas de diferentes variedades: *rokomi*, *nakoaximi*, *rokoya*, *pauximi*, *monarimi*, *pakatarimi*. Assim foi.

Nossos antepassados e os antepassados dos *napë* não comeram banana desde o início. Hoje, tanto os *napë* quanto os Yanomami plantam bananas, a partir do ensinamento de Horonami.

COMO OS NAPË DESCOBRIRAM A BANANA

Como aconteceu a descoberta da banana pelos *napë*? Qual foi o Yanomami que levou as bananeiras aos *napë*? Ninguém levou as mudas de bananeira aos *napë*. Uma moça estava reclusa.¹ A água saiu e as roças afundaram. Essa água levou a mulher e por onde a levou, levou também as bananeiras afundadas, até

1. Quando a menina yanomami tem sua primeira menstruação, ela fica em reclusão por um período entre uma semana e dez dias, dentro de um pequeno cômodo feito de folhas de açaí no *xapono*. Essa reclusão a protege do assédio de espíritos num momento em que ela fica em evidência. Aqui a moça atrai o interesse do rio, que a carrega para fora do *xapono* para se casar com ela.

aonde os *napë* vivem; foi o rio que levou as bananeiras para que eles, os *napë*, as descobrissem. O rio desejava a mulher menstruada porque ela era bonita. No que ela se tornou? O rio a levou porque a desejava. Da mulher menstruada que as águas levaram, sua imagem se espalhou nos rios. Multiplicou-se a partir dela mesma. Foi a água que a pegou. O rio disse:

— Meu sogro, quero uma mulher! Me dê a sua filha!

O rio entrou, perseguindo a mulher. O rio entrou rápido. Olha só a água! Ela entrava por trás das casas, apesar de a terra ser alta.

— *Prako! Prako!* — dizia o grande rio.

O pai mandou pintar a filha, nessa hora ele a pintou, seu irmão a pintou. O pai mandou seu filho pintá-la. Ele estava com muito medo de se afogar na água, que vinha ameaçadora, se mexendo como em plena tempestade. A água se mexia com grandes banzeiros, nos quais a mulher pintada foi jogada, apesar da sua beleza. Seu pai a fez afundar. O rio levou a sua filha, e não a devolveu. Ela não se afogou, e o rio a levou como sua esposa.

— Eu, apesar de ser água, farei dela a mãe d'água! Eu vou pegá-la — disse o rio.

Por isso, esta Yanomami se tornará a mãe do rio. O rio se retirou. Depois de pintarem seu rosto com desenhos bonitos, colocaram penas de cauda de papagaio nas suas orelhas. Feito isso, as folhas de açazeiro da reclusão foram removidas e a água entrou. O *xapono* dele era como os nossos.

— Mãe! Mãe! Pinte minha irmã! Enfeite-a! Enfeite-a depressa! — disse o irmão da moça.²

— Essa ideia dói muito, meu filho, mas não tem jeito, entregue mesmo tua irmã!

2. A moça enfeitada normalmente seria entregue a um marido humano, não a um marido rio.

Apesar de ser o rio, assim falou o pai. Ele mandou entregar a filha. Foi assim que ele disse. Existe um canto sobre a mulher levada pelo rio, há um canto sobre ela:

Xiri tõi!
Xiri tõi,
Xiri tõiwě,
Xiri tõi,
Xiri tõi,
Xiri tõi,
Xiri tõiwě!

Ela cantou. Quando ela pronunciou o nome de seu marido, o rio respondeu:

— *Tuuuuuuuuuuuu!*

— *Xiri tõi! Xiri tõi! Xiri tõi!* — cantou o pai.

Ele falou assim, cantou assim e, quando parou de cantar, o *xapono* quase caiu, levado pelo rio. O irmão a pegou para jogá-la, apesar de ela estar chorando. Ela chorava, por causa do seu irmão:

— *Haaaĩ!* Meu irmão! Meu irmão! Não fique triste! Meu pai! Meu pai! Não fique triste! Minha mãe! Minha mãe! Não fique triste!

Enquanto ela chorava assim, o irmão a pegou.

— *Hĩ! Kopou!*, ele a jogou de cabeça.

Fazendo assim, a água a pegou e logo a levou. O rio cheio já estava esperando. Quando o rio se retirou, revelou uma grande extensão de terra.

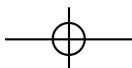
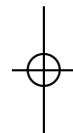
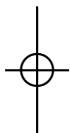
— *Puuu!* — disse o rio.

Foi assim, o rio desceu de uma vez só.

— *Aěě!* — ela disse.

A mulher se tornou boto, aquele que boia na superfície da água, pois a jogaram na água quando ela estava menstruada; ela estava de reclusão, a vagina dela estava ainda sangrando. Por isso se tornou a mãe d'água. A imagem dela se espalhou

e ocupou todos os rios. Aquelas bananeiras *rokoroko* que a água levou, bem como as pacovãs, se multiplicaram na terra dos *napě*. Assim foi, as bananeiras se multiplicaram.



Pore

HAPA, ïnaha të ã kua. Kamiyë pëma ki no patama rë pëtore hamì, kurata si keai taonomihe. Ìhi të mao ha kē kunoha, kihi të si ki kuami. Ìnaha kuwë të si no pëtopirë mai!

Ìhi weti naha të ha taprarini, kama a përiopë ha, a përitopë ha, weti naha a puhi ha kutaruni, kurata si ki kupropë të tama? Urihi pë kâi ma rë humouwei, kihami wa hui, poreïxinoripi kama hawë ai të hikarimoma, të ïxino wararawë praa, praa hōkoa. Ìnaha të rë kuawei ha hei kurenaha kamani ïhi hei kurenaha pëma hena pë tiyëpë. Kama Pore a rë përiowei, ïhi heinaha tiyëwa e henaki kuoma. Hei kurenaha:

Ìnaha henaki ta tiyëprari! A noã tamoimi makui, ïhini henaki kâi tiyëwa kuoma, hei yãa kurenaha. A hiramonomi makui. Ìhi a rë përire ha, a rë përiowei ha, ïxino kama e të ha tararini, Pore kama ïxinoripi he harayoma. Ìhi të pë kuopë ha, hawë kurata si pë rë kure, të pë tuku ma rë xirikii, mokohe mo si pë rë kui. Ìhi mo si ki a rë kuprarionowei, kurata si ki.

Poreni kama ïxinoripi ha këaruni, kama poo eni, të pë ha pëarini, ïxino ha pëaruni, të ha ïimarini, ïhi mokohe mosi ki ma kuonowei, kamani a keanomi. Mokohe mosi pë kuopë ha, tuku uprahaopë ha, të pëkema. Pëarini, të ïimarema, ai të henaha, ai të henaha, kurata si ki.

Proto! Pauximi! Proto! Rokomi! Prohto! Monarimi! Proto! Pakatarimi! Proto! Nakoaximi! Rokoya!

Kama rokoroko e ki, roorewë, kama e xïro harayoma. Ìhi mokohe mosi pë ïimapë ha, ai të henaha, ai të henaha, të mii mi ayoma. Hukomo ïha e kâi homoprarioma. Ai të yahi ha, ai të yahi ha, a ha yahirini, a ha yurëni, a yuanomi. Ìha kama Pore ni pëtopë ha, kurata e si ki kupropë ha, mokohe

e mosi ki kuratapropë ha, hukomo e pëtarioma. Ihami e kau homoprarioma. Āhēāki iharë, kumawë ma ki iharë, prāki āsi ki iharë, ĩnaha tē pē kuprarioma. Xamakoro e kāi kaurayoma. Iharë ĩhi Poreni kurata si ki rē pētamarenowei kurata si ki.

Pore ihami si ki, ĩhi exi tē ha e si ki pëtarioma? Ihirupī e mahu kua yaro. Suwë e kuami makui, wāro, ĩnaha e kuoma. Ihirupī e kua yaro, kurata si ki pētamarema, mokohe mosi ki kurataprarioma.

Īhi Pore a rē kuini si ki, ĩhi iha si ki kararu piyërema, Horonamini, a he ha harëni. A përia ha tararini, ihirupī a wā he ha harëni, ihirupī mahu e tē wai kuoma. Payeri kuonomi, suwë pē yai ai yai e kuonomi. Yanomami tē pē xapopipropë, tē pē xapopī hirai ha. Mahu e tē wai takema, moko makui. Hei tēhë, a rē kuonowei naha, a hekura kuwëmi.

Hëyëmi e ha kuaaimani, hëyëha a he harema, a he hareyorum. Īhi heini a he rē haarëni, kurata si ki kararu nakarema, Pore iha. Yanomami tē pē hikapipi mao tēhë, tē pē përio mao tēhë, ĩhi iha si ki ha yurëni, tē pē ha hirakini, kama e tē pē ha hirakioni, a kōopë ha, tē pē noā ha tarini, ĩhi kurata si ki kāi wāha ha yuprarini, si kararu kearemahe. Īhi pëma a piyëmai puhio yaro, si ki yurema. Kihami si ki rē pëtono rē kure hami, ai iha si ki kua xoa: rokomī, nakoaximi, rokoya, pauximi, si pē kua xoa. ĩnaha tē kuprarioma.

Hei kamiyë pëma kini no patama rē kui, pëma ki napë pē no patamapi rē kuini kurata a wai haionomihe. A wanomihe. Napë pē no patama maa xoa yaro. Kuami yaro. ĩnaha tē kuoma. Īhi weti iha kurata si ki rē yurehe, si ki rē pararayonowei, weti a wāha hapa kua? Pore a yaia. Pore hesiopi xo ki përipioma. Porakapi. Kutaeni ĩhi iha a rē pararayonowei kurata, napë pëni kurata a kāi taihe.

Īhi weti naha si ki yua ha tarë hërinī, weti Yanomami tēni si ki ha yurë hërinī, napë pē ihami si ki he haapehe, si ki kurayo hërima? Ai tēni si ki yuanomi. Suwë a ha yipimorini, a pesi prakema. Suwë a rē yipimore hami, mau uni suwë a ha puhini, a riëhëwë yaro, ĩhi exi tē kuprarioma? Suwë pē rē kui, exi tē

pë të kupropë? A yure hërîma, a no ha puhîarîni. Hei a suwë yipîmono rë yurenoweî, a no uhutîpî pata u hamî a kurarioma. Pruka a kuprarioma. Peî a yai. Kama unî.

— Suwë ya puhîi! Xoape, tëëhë a ta hîo! — u pata ha kuni, kama u pata harayoma.

U pata hai nosî yauama. U pata hai xoatarioma. Kihî u pata, kihî të pata ma tirere, kihî xîka hamî të mî pata tëaai he yatia.

— *Prako! Prako!* — u pata kuma.

Îhî tëhë hei pë tëë a rë kui a yâprarema, heinaxomî naha, të rë kurenaha, hei kurenaha, a yâprama, heparapîni. Pë hîîni e noâ waxukema. Kama a mixî no tukepî ha, mau unî a napë kuyëpraimai yaro, yari a hui tëhë, u pë pata rë kuaaiwei naha, u pata kuaama. Hawë pë të u pata hoyahoyamaihe, të u pata kuaai ha, yâprano a kemaparema, a riëhëwë makui. Iha pë hîi e kepema. Pë tëë a rë kui îhî unî e yure hërîma. Kôamai kôanomî. A mixî kâi tuamanomî. Mau unî a yure herîma, hesiopi.

— Hei mau ya u rë kui, ya u niîpî kupropë, ya yureî kuhe — e u kuma.

Kuwë yaro pë niî e u kua, Yanomamî. U pata harayoma. A ha yâprarîni, werehî e texinaki kâi huukema. A mî kâi yâakema, riëhëwë a onî taprarema, wâima e henaki hoyaremahe, hoyai tëhë e u pata hama, hei ipa xaponô kurenaha e kuoma.

— Nape! Nape! Nakamî a ta yâprarixë! A ta pauxiprarixë! A ta pauxiprai hairo!

— Pëhë kî puhî kuaai përai kê, xei, kuopëtao kê yai wani a ta hipëkixë! — mau u makui ha, pë hîi e kuma. E hipëamai puhîma. Kama nomahëa. Inaha e kuma. A amoa kua, mau unî a rë yure herînowei:

Xîrî tõi!

Xîrî tõi,

Xîrî tõiwe,

Xîrî tõi,

Xîrî tõi,

Xîrî tõi,

Xiri tōiwē!

E kurayoma. Ihi kama hēaropi u wāha yuai ha:

— *Tuuuuuuuuu!* — a wā hurema, mau uni. Ihi pē hii:

— *Xiri tōi! Xiri tōi! Xiri tōi!* — pē hii e kuma.

Kui tēhē, ihi ei rē e tē rē takihe ha, e tē huhe tai tēhē, a pehi kāi mori raia hērii tēhē, pē yaini a xēyēparema, a hurihia nokarema, e mia no preo makui. E ikima, pē yai a mia no poma.

— *haaaï!* Apawē, apawē kuo pētao! Hapemi, hapemi, kuo pētao! Napemi, napemi kuo pētao! — e kuma.

A ma kui tēhē, a hurihia he yatiroma.

— *Hïi Kopou!* — a epētarema.

A xēyēa epēparema. Kuaai tēhē, a nokare herima. Ihi a no tapomai yaro, u rē okimohe, u oki rērēi makuimi. Hïïï! Urihi a pata! Puuuu! U pata kuma. Heinaha tē pata kutario hērima.

— *Aëë!* — suwē a kutario hērima.

Ihi a rē potuprarionowei, ihi rē pē pokēkou, yipi a kemaparema yaro. A pesi praoma yaro, naka iyēo xoaoma, iyēiyē hēyēmi e yōu xoawē yaro a kemaparema. Kutaeni hei mau u niipi kuprarioma. Kama a no uhutipi, pē huokema, pē xere-reokema. Mau u ki haikirema. Ihi tēhē rokoroko si pē pata rē yure herinowei, kurata ai pē pehi pata rē yure herinowei, pē pararayoma, napē pē urihipi hami! Inaha tē kuprarioma, paraomopotayoma.

A anta que andava nas árvores

Foi Horonami quem perguntou os nomes dos animais. Horonami encheu a floresta de animais. Horonami encontrou a anta Xamari, que andava como Yanomami. Ela andava nos galhos baixos, vindo em sua direção.

— *Hukru! Hukru! Prãããô!* — ela fez ao cair.

Ela andava nas árvores como os cuatás. Afinal, ele encontrou a anta andando nas árvores. Felizmente, ele fez com que ela descesse, para que nós pudéssemos comê-la.

É sempre um acontecimento quando matamos uma anta para comê-la!

A anta não andava no chão: andava nas árvores de uma espécie nativa de louro, atravessando os galhos e comendo as frutas maduras. Horonami fez quebrar o galho para que a anta caísse. Depois de cair, ela se acostumou a andar no chão.

A anta chegou ao *xapono* dos esquilos, mas lá não deu certo, então ela foi para a mata. Os esquilos se juntaram quando a anta ainda era Yanomami, e a chamaram. Queriam saber quanto ela aguentava comer.

Os esquilos viviam como Yanomami: moravam em um *xapono* no alto das árvores e faziam festas como nós, embora eles fossem se tornar animais. Um dia, eles chamaram as cutias, os caititus, as queixadas, as antas, os papagaios e as maitacas. Havia muita comida, mas os convidados não conseguiram comer tudo. Até a anta também desistiu de comer, pois pressentiam que algo ia acontecer.

De repente, todos eles se transformaram em animais.

As queixadas também eram Yanomami. Os cipós se arrebetaram e elas caíram. Foi lá, na região do *xapono* dos esquilos onde não conseguiram comer, pois estavam prestes a se transformar. Não havia nenhuma queixada antes de eles se transformarem. Nessas regiões, não havia queixada. Subiram até o alto, subiram, estavam subindo até a ponta do cipó. Lá, o cipó arrebetou no meio. Queixada! Se isso não tivesse acontecido, lá naquela floresta, hoje as queixadas andariam nas árvores.

A anta foi quem caiu primeiro e passou a andar no chão, tornando-se um animal terrestre. Em seguida, o cipó das queixadas arrebetou. Outros Yanomami, que ficaram na parte superior do cipó se transformaram em macacos cuatás. Assim foi.

As queixadas ocuparam toda a floresta. Elas desceram rio abaixo. Horonami conseguiu assim fazer a anta descer ao chão, e hoje nós as comemos. Assim que foi. Não havia animais no início, pois eles viviam espalhados, como os Yanomami, em vários *xapono*.

Yāukuakua! Yāukuakua! Ninguém fazia assim. É assim mesmo. Esse grande animal que anda no chão, quando estamos famintos de carne, nós a comemos, ela anda mesmo no chão. Nós a comemos.

Xama a rë iminowei

I HINI xïro yaro a rë warireni, ïhini urihi a no yaropi kâi tapramarema.

Xama a makui, a he kâi harema, Xamari Yanomami a huma. Kihami yahatoto hami a imima, kiha tē pē pata imii:

— *Hukru! Hukru! Prãão!* — a pata ha prëreni, a pata kuma.

Paxo kurenaha xama a imima. A imii he haa piyërema, hore kunomai, a kea piyëmarema a horehewë tikowë yaro, xama, kamiyë pëma kini pëma pë wapë.

Yakumi pë ha niapraheni pëma pë wapë. Kahu ki hami a pata ha imiri hërinî, a pata ha piyëikunî, tatetate ki wapë. ïnaha xama pita hami a hunomî, hapa. Imirewë kē a kuoma. ïhi a rë imire, a pata ha kerinî, pita hami a hua xoarayoma. A hua hexipaa xoarayoma.

Wayapaxiri pë iha a waroo xi ha wãrianî, urihi hami a hurayoma. ïha a kerayoma, a pehi ha këprarunî. ïhi kōmî tē pē ha kōkaprarunî, Xamari a Yanomami kuo tēhë, a nakaremahe. A wausi wapapehe, Wayapaxiri pëni.

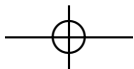
Yanomami pë hiraoma, xapono kurenaha pruka pë hiraoma, pë reahumoma. Yaro pë kuoma makui, pë kâi reahumoma. Wayapaxi pë rë kui, tomî, poxe, warë, xama, werehi, ãrima pë nakaa hititirema. Makui, Wayapaxi pë ni haikianomihe. Xama a makui, a kâi tiraa no prekema.

ïha pë xi rii wãrihou xoaoma. Warë Yanomami pë kuoma. ïha pë pehi kâi hëtimarema. ïharë Wayapaxiri pë iha pë iai xi wãriama, warë a hunomî. Hei pë urihi hami warë pë hunomî. ïhi kihami horehe hami warë pë mori imima, hititiwë. ?hete hei pë ora pata rë tuore, tē pē pata imii, ora pata kuaa hërii, hërii, hërii, kihi tokori pë rë kurati naha, kiha pë pehi pata hëtirayoma. Warë!

Xama xoma hami a kerayoma, pita hami a hui waikio tēhē, a pitamou waikio tēhē, ihi tē nosi yau hami warē pē pehi rē hētire, paxo ai pē hurayoma. Oraora paxo kē pē. Inaha pē kuprarioma.

Warē pē rē kui, hei pē pata rē hētire, urihi a rē kui a haiki-prarioma. Hei pei pē koro yai rē kui pata u koro rē kure hami pē pehi pata nihōroye hērīma. Hei pēma pē wapē. Inaha tē kuprarioma. Yaro a hunomi, hapa, pē pērihiwē yaro, Yanomami kurenaha tē pē xaponopi kuprawē yaro, pē hunomi.

— *Yāukuakua! Yāukuakua!* — ai tē pē kāi kunomi. Inaha tē yai kua. Ihi a pata rē hure, a ha pitapraruni, kamiye pēma ki naikii, a wamopē a pitapramai he yatirayoma. Pēma a wapē.



COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A arte da guerra*, Maquiavel
2. *A conjuração de Catilina*, Salústio
3. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
4. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Friedrich Nietzsche
5. *A fábrica de robôs*, Karel Tchápek
6. *A história trágica do Doutor Fausto*, Christopher Marlowe
7. *A metamorfose*, Franz Kafka
8. *A monadologia e outros textos*, Gottfried Leibniz
9. *A morte de Ivan Ilitch*, Lev Tolstói
10. *A velha Izerguil e outros contos*, Maksim Górki
11. *A vida é sonho*, Calderón de la Barca
12. *A volta do parafuso*, Henry James
13. *A voz dos botequins e outros poemas*, Paul Verlaine
14. *A vênus das peles*, Leopold von Sacher-Masoch
15. *A última folha e outros contos*, O. Henry
16. *Americanismo e fordismo*, Antonio Gramsci
17. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
18. *Apologia de Galileu*, Tommaso Campanella
19. *Arcana Cœlestia e Apocalipsis revelata*, Emanuel Swedenborg
20. *As bacantes*, Eurípides
21. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
22. *Ação direta e outros escritos*, Voltairine de Cleyre
23. *Balada dos enforcados e outros poemas*, François Villon
24. *Carmilla, a vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
25. *Carta sobre a tolerância*, John Locke
26. *Contos clássicos de vampiro*, L. Byron, B. Stoker & outros
27. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
28. *Contos indianos*, Stéphane Mallarmé
29. *Cultura estética e liberdade*, Friedrich von Schiller
30. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
31. *Dao De Jing*, Lao Zi
32. *Discursos ímpios*, Marquês de Sade
33. *Dissertação sobre as paixões*, David Hume
34. *Diário de um escritor (1873)*, Fiódor Dostoiévski
35. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin
36. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
37. *Don Juan*, Molière
38. *Dos novos sistemas na arte*, Kazimir Maliévitch
39. *Educação e sociologia*, Émile Durkheim
40. *Édipo Rei*, Sófocles
41. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
42. *Émile e Sophie ou os solitários*, Jean-Jacques Rousseau
43. *Emília Galotti*, Gotthold Ephraim Lessing
44. *Entre camponeses*, Errico Malatesta
45. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal
46. *Escritos revolucionários*, Errico Malatesta
47. *Escritos sobre arte*, Charles Baudelaire
48. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
49. *Eu acuso!*, Zola/ *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
50. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte
51. *Fedro*, Platão
52. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
53. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
54. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
55. *Fé e saber*, Georg W. F. Hegel

56. *Gente de Hemsö*, August Strindberg
57. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
58. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
59. *História da anarquia (vol. II)*, Max Nettlau
60. *História da anarquia (vol. I)*, Max Nettlau
61. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
62. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
63. *Inferno*, August Strindberg
64. *Investigação sobre o entendimento humano*, David Hume
65. *Jazz rural*, Mário de Andrade
66. *Jerusalém*, William Blake
67. *Joana d'Arc*, Jules Michelet
68. *Lira gregra*, Giuliana Ragusa (org.)
69. *Lisistrata*, Aristófanes
70. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
71. *Manifesto comunista*, Karl Marx e Friederich Engels
72. *Memórias do subsolo*, Fiódor Dostoiévski
73. *Metamorfoses*, Ovídio
74. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
75. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown
76. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
77. *No coração das trevas*, Joseph Conrad
78. *Noites egípcias e outros contos*, Aleksandr Púchkin
79. *O casamento do Céu e do Inferno*, William Blake
80. *O cego e outros contos*, D. H. Lawrence
81. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
82. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
83. *O corno de si próprio e outros contos*, Marquês de Sade
84. *O destino do erudito*, Johann Fichte
85. *O estranho caso do dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Robert Louis Stevenson
86. *O fim do ciúme e outros contos*, Marcel Proust
87. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
88. *O ladrão honesto e outros contos*, Fiódor Dostoiévski
89. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
90. *O mundo ou tratado da luz*, René Descartes
91. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
92. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E. T. A. Hoffmann
93. *O primeiro Hamlet*, William Shakespeare
94. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Piotr Kropotkin
95. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Mikhail Bakunin
96. *O príncipe*, Maquiavel
97. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont
98. *O retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde
99. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
100. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, P. B. Shelley
101. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, John Keats
102. *Odisseia*, Homero
103. *Oliver Twist*, Charles Dickens
104. *Origem do drama barroco*, Walter Benjamin
105. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
106. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rudolf Rocker
107. *Para serem lidas à noite*, Ion Minulescu
108. *Pensamento político de Maquiavel*, Johann Fichte
109. *Pequeno-burgueses*, Maksim Górkii
110. *Pequenos poemas em prosa*, Charles Baudelaire
111. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Robert Stoller
112. *Poemas*, Lord Byron

113. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
114. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
115. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
116. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
117. *Præterita*, John Ruskin
118. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
119. *Rashômon e outros contos*, Ryûnosuke Akutagawa
120. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Mikhail Bakunin
121. *Robinson Crusoé*, Daniel Defoe
122. *Romanceiro cigano*, Federico García Lorca
123. *Sagas*, August Strindberg
124. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
125. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
126. *Sobre a filosofia e seu método (Parerga e paralipomena)* (v.ii, t.i), Arthur Schopenhauer
127. *Sobre a liberdade*, Stuart Mill
128. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Friedrich Nietzsche
129. *Sobre a ética (Parerga e paralipomena)* (v.ii, t.ii), Arthur Schopenhauer
130. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman
131. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
132. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Jorge Luis Borges e Osvaldo Ferrari
133. *Sobre verdade e mentira*, Friedrich Nietzsche
134. *Sonetos*, William Shakespeare
135. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Leonardo da Vinci
136. *Teleny, ou o reverso da medalha*, Oscar Wilde
137. *Teogonia*, Hesíodo
138. *Trabalhos e dias*, Hesíodo
139. *Triunfos*, Petrarca
140. *Um anarquista e outros contos*, Joseph Conrad
141. *Viagem aos Estados Unidos*, Alexis de Tocqueville
142. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
143. *Viagem sentimental*, Laurence Sterne

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *A carteira de meu tio*, Joaquim Manuel de Macedo
2. *A cidade e as serras*, Eça de Queirós
3. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
4. *A família Medeiros*, Júlia Lopes de Almeida
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
7. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
8. *Cartas a favor da escravidão*, José de Alencar
9. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida
10. *Crime*, Luiz Gama
11. *Democracia*, Luiz Gama
12. *Direito*, Luiz Gama
13. *Elixir do pajé: poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
14. *Eu*, Augusto dos Anjos
15. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
16. *Helianto*, Orides Fontela
17. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
18. *Iracema*, José de Alencar
19. *Liberdade*, Luiz Gama
20. *Mensagem*, Fernando Pessoa
21. *Nós, os sul-americanos*, Flávio de Carvalho
22. *O Ateneu*, Raul Pompeia

23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O desertor*, Silva Alvarenga
25. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
26. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
27. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Fernando Pessoa
28. *Teatro de êxtase*, Fernando Pessoa
29. *Transposição*, Orides Fontela
30. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
31. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
32. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
33. *Índice das coisas mais notáveis*, Antônio Vieira

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

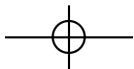
1. *8/1: A rebelião dos manés*, Pedro Fiori Arantes, Fernando Frias e Maria Luiza Meneses
2. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile
3. *A sociedade de controle*, J. Souza; R. Avelino; S. Amadeu (orgs.)
4. *Ativismo digital hoje*, R. Segurado; C. Penteado; S. Amadeu (orgs.)
5. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado
8. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
9. *Labirintos do fascismo* (v.III), João Bernardo
10. *Labirintos do fascismo* (v.II), João Bernardo
11. *Labirintos do fascismo* (v.IV), João Bernardo
12. *Labirintos do fascismo* (v.I), João Bernardo
13. *Labirintos do fascismo* (v.VI), João Bernardo
14. *Labirintos do fascismo* (v.V), João Bernardo
15. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
16. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
17. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
18. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
19. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
20. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

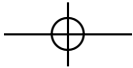
1. *A folha divina*, Timóteo Verá Tupã Popygua
2. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
3. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popygua
4. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
5. *Cantos dos animais primordiais*, Ava Nomoandyja Atanásio Teixeira
6. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
7. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
8. *Folhas divinas*, Timóteo Verá Tupã Popygua
9. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin-Gallois
10. *Não havia mais homens*, Luciana Storto
11. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
12. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
13. *Os Aruaques*, Max Schmidt
14. *Os cantos do homem-sombra*, Patience Epps e Danilo Paiva Ramos
15. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
16. *Xamanismos ameríndios*, A. Barcelos Neto, L. Pérez Gil & D. Paiva Ramos

COLEÇÃO «ECOPOLÍTICA»

1. *Anarquistas na América do Sul*, E. Passetti, S. Gallo; A. Augusto (orgs.)
2. *Ecopolítica*, E. Passetti; A. Augusto; B. Carneiro; S. Oliveira, T. Rodrigues (orgs.)
3. *Pandemia e anarquia*, E. Passetti; J. da Mata; J. Ferreira (orgs.)







Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica ..., na
data de 9 de janeiro de 2025, em papel ..., composto em tipologia
Minion Pro, em 11 pontos, com diversos softwares livres, dentre eles
Lua[®]La[®]T_EX[®] git.
(v. 74e0fof)

